

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MICHELE SILVEIRA

**QUANDO REALMENTE APRENDI O SIGNIFICADO DA
LEITURA**

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MICHELE SILVEIRA

**QUANDO REALMENTE APRENDI O SIGNIFICADO DA
LEITURA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Si39q Silveira, Michele
Quando realmente aprendi o significado da leitura : memorial de
formação / Michele Silveira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-548-BFE

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

“Não há no mundo excesso mais belo que o da gratidão”

La Bruyère

A Deus, pela vida e por me iluminar os passos a cada dia.

A meus pais, Jair e Rosa, pelas oportunidades, compreensão e exemplo.

As minhas irmãs, Andrea e Ana Paula, pelo apoio e incentivo.

Aos meus queridos sobrinhos, Maria Eduarda, Marina e Bernardo, pelo carinho, e a felicidade que suas traquinagens proporcionam.

As minhas tias Elisabeth, Teresinha, Laura e minha avó Salomé, pelo auxílio, estímulo e orações.

A minhas amigas Raquel, Maria Eugênia, Mariza, Celeste e Maria, pela cumplicidade, companheirismo de grupo.

Aos APs e professores que me auxiliaram nessa etapa.

A todos os meus alunos, que já passaram e que ainda estão comigo, por terem possibilitado o meu avanço profissional, reflexão e aprendizagem.

E a todas as pessoas que me incentivaram e apoiaram nesse caminho.

O PESO DO EXEMPLO

Certa vez, levando o filho pelas mãos, a mãe chegou à presença de Mahatma Gandhi e pediu-lhe que dissesse a seu filho para não comer açúcar. O mestre pediu que a mulher voltasse depois de uma semana.

Uma semana se passou e a mãe chega novamente à presença do mestre com o filho nas mãos e Gandhi diz à criança:

“Não coma açúcar”.

A mãe, estranhando aquela atitude, perguntou ao mestre porque não o tinha dito da primeira vez em que ali estivera. O mestre lhe respondeu: “ocorre que na semana passada, eu ainda comia açúcar...”. (extraído de “O Contador de Histórias”, J.D. Zanco)

SUMÁRIO

1) APRESENTAÇÃO	08
2) ENTENDENDO O QUE É LEITURA	10
3) O PRAZER DA LEITURA SE ENSINA.....	13
4) ERA UMA VEZ... A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS.....	17
5) ARTE: O CAMINHO DO CONHECIMENTO	20
6) LEITURA E ARTE	23
7) A HISTÓRIA DE LETRAMENTO DAS CRIANÇAS	26
8) AFETIVIDADE : PONTO DE PARTIDA	29
9) CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
10) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1. APRESENTAÇÃO

*“Aprender é descobrir aquilo que você já sabe.
Fazer é demonstrar que você o sabe
Ensinar é lembrar aos outros que eles sabem tanto
quanto você”.*

(Autor desconhecido)

Apreendi a ler por volta dos sete anos, mas compreendi o real significado da leitura agora, com trinta anos. A escolha desse tema “leitura” para o meu memorial surgiu de um questionamento quanto a minha prática na sala de aula, quando pela primeira vez estava com uma sala de ciclo inicial e tinha a tarefa de alfabetizá-los. Ler parecia tão simples do meu ponto de vista, mas para as crianças era algo tão complexo. Fui testando alternativas; através de erros e acertos fui caminhando. Paralelo a minha vida pessoal, que também trouxe reflexões, experiências quanto a importância da leitura e das histórias em nossas vidas.

Descrevo neste memorial o significado, a importância da leitura na vida das pessoas, não associado a escrita, conseqüentemente a alfabetização. Mas a leitura no sentido profundo da palavra, no momento da “transformação”. Enfim, que o prazer pela leitura pode ser ensinado, principalmente através do exemplo exercido pela figura do professor.

Nesse sentido as histórias podem ser a chave para abrir as portas de um caminho, onde as crianças constroem o seu aprendizado, através da sua magia, encantamento, despertando o interesse e trazendo conhecimento.

Relato também minha trajetória em Arte e como ela pode se tornar uma grande aliada na aprendizagem das crianças contribuindo na sua formação e auxiliando o trabalho com leitura. Enfim elas se tornaram muito significativas em minha vida e são fundamentais no meu trabalho.

Diante desse contexto percebo a afetividade, como o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo, sendo indissociável do meu trabalho em sala de aula, pois através das histórias criamos uma relação pautada em valores tendo a sensibilidade necessária para agir diante de situações diversas.

O ato de ensinar nos mostra que a vida dá voltas e muitas vezes voltamos ao mesmo ponto embora sob aspectos diferentes ela confirma sempre sua qualidade suprema, pois é a única capaz de proporcionar experiências e estas é que realmente ensinam. Percebo nitidamente isso, pois a realidade social das crianças com as quais trabalho há algum tempo mostra isso. Elas são fruto de meios iletrados. Trazem experiências distintas sendo assim fundamental desenvolver várias habilidades, conceitos, valores quando iniciam sua vida escolar.

Infelizmente esse trabalho é uma gota no oceano, e bem diferente dos contos de fada, ninguém vive feliz para sempre; eu como professora não sou “fada madrinha” mas se tivesse uma “lâmpada mágica” para fazer três pedidos, com certeza um deles seria tornar meus alunos leitores críticos, criativos e atuantes.

Muitas vezes ouvi que o professor é responsável por coisas que acontecem na sua sala de aula, que a classe é o seu “reflexo”, e isso me incomodava. Mas agora compreendo que isso faz sentido, pois fui me aprimorando e percebi que da primeira turma que tive até agora, muita coisa mudou; percebo os erros que cometi, e o fato de ter mudado a minha relação com a leitura foi bem significativo para isso.

2. ENTENDENDO O QUE É A LEITURA

“Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que têm. E interpreta a partir de onde os pés pisam”.

Leonardo Boff

A importância que a leitura tem na vida das pessoas dispensa comentários. Foi tentando me aprimorar como professora que busquei conhecimentos para entender o seu real significado e toda a sua abrangência.

A procura por informações, principalmente nos dias de hoje é muito grande, estamos constantemente sendo atingidos por dúvidas, questionamentos, problemas, necessidades. A leitura se tornou o melhor modo de investigação à nossa mão.

De acordo com o escritor Julien Green, *“A leitura é uma grande amizade...”* pois implica numa troca. O leitor não pode ficar insensível às informações que assimila, pois descobre, aprende e assim abre as portas para algo novo.

Lendo uma reportagem publicada na revista Nova Escola (março 2002) o então ministro da Educação Paulo Renato Souza disse que *“nossas escolas não sabem ensinar as crianças a ler”*; fiquei chocada, mas comecei a refletir e pensar no sentido que muitas vezes a leitura na escola pode se assimilar a uma sessão de tortura, principalmente no início da vida escolar quando a criança ainda está se adaptando. O nosso papel como professor muitas vezes se perde em meio a tantas situações diversas que encontramos na sala de aula. Mediante cobranças acabamos por ensinar a leitura sem preocupação em desenvolver a “paixão” pelo ato de ler, mas a mera decifração do código escrito; a preocupação com que o aluno aprenda, é maior do que ele busque uma razão, um significado no ato de ler e assim se desenvolva.

Desta maneira o ensino de leitura é primordial para determinar o fracasso ou sucesso de uma criança na sua vida escolar. Vemos nos dias de hoje que ela ocupa um lugar cada vez menor na vida do brasileiro. Torna-se cada vez mais difícil desenvolver esse hábito nas crianças, pois muitas vezes a opção entre comprar um livro ou um produto de gênero alimentício, a segunda opção prevalece. Assim:

“(...) acreditamos, como Vygotsky e pedagogos neovygotskianos, que a aprendizagem é constituída na interação de sujeitos cooperativos que têm objetivos comuns”. Por isso cada vez se torna mais difícil estimular nossa crianças a ler, comprar livros, pois o ambiente em que vivem não favorecem essa vivência. (KLEIMAN, 2004,P.10)

Nesse sentido, o ponto de partida para o trabalho de alfabetização é o reconhecimento de que a criança já possui um “saber” extremamente complexo da língua e dos diversos recursos expressivos nela contidos e de que o ensino-aprendizagem deve aproveitar essa potencialidade dela para iniciar o trabalho com a leitura e escrita e se ela vive em um ambiente iletrado, tem poucas influências de informações escritas que devem ser relevantes nesse processo. Quando ela entra em contato com essas informações na escola gera conflitos, pois muitas vezes o professor não tem acesso às mesmas fontes de informação que a criança, dificultando o pleno desenvolvimento do processo.

Assim, ensinar a ler acaba se tornando algo arriscado, se não tivermos fundamentos teóricos firmes sobre os aspectos cognitivos do desenvolvimento da criança. Ela tem que sentir necessidade, no ato de ler como tem quando aprende a falar. Ler é diferente de decifrar códigos, ler é interpretar. A leitura é algo mais amplo:

“... é um processo de compreensão abrangente que envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. É a correspondência entre os sons e os sinais gráficos através da decifração do código e a compreensão do conceito ou idéia”. (JOSÉ E COELHO, 1998, P.84 E 85)

Assim sendo a leitura se torna significativa para a criança de acordo com suas necessidades; quando ela encontra sentido na escrita, aprende a ler, como também a sua forma de pensar. Para que a criança leia precisa ter contato com a linguagem escrita, não é porque ela não lê que não serão apresentados textos, livros para ela.

O papel da escola, do professor no processo de ensinar a ler pode gerar falhas, ser mal interpretado. O processo de formação de leitores é muito complexo. Não só as situações de letramento que a criança vivencia são significativas, mas também o contexto social, político, cultural e afetivo que influencia a vida da criança e a sua relação com a leitura. Devemos ter atenção para não “resumir o ato de ler” a uma

simples consequência do ensino escolar, fazendo com que ela se torne secundária, uma ponte para a aquisição de outros conhecimentos, mas sim como uma base fundamental e sólida, a chave para abrir novos caminhos.

Para entender esse processo:

“... existem três momentos de consciência no ato de ler: constatar, cotejar (refletir) e transformar. A constatação refere-se ao momento de “ler as linhas”, isso significa que, ao ler, encontramos o sentido primeiro para o escrito. O cotejo (reflexão) diz respeito à “leitura” nas entrelinhas; assim, o leitor conclui que há vários sentidos para o texto. Enfim, a transformação seria a leitura “para além das linhas”, havendo possibilidades de mais sentidos ainda para o que foi lido. Nesse ínterim a escola pode equivocadamente fundamentar a prática da leitura no momento da Constatação [...]” (SILVA, 1981. apud MATOS, 2003, P 169)

Diante do exposto passei a ficar mais atenta a essa questão. Quando vejo que meu aluno está lendo, mas na hora de produzir, criar um texto apresenta muitas dificuldades fica nítido que ensinei a leitura no momento da “constatação” e trabalho para reverter essa situação.

Assim percebi que a realidade social em que a criança está inserida interfere no processo de assimilação do ato de ler ele é mais lento, porém não é sinônimo de fracasso, pois muitas vezes é quando a criança entra na escola que começa a construir essa relação, ela entra no processo de construção, desenvolvimento. A estrutura da escola muitas vezes prejudica essa relação das crianças com um ambiente letrado e afetivo, devido a mudanças políticas, professores que não seguem uma mesma linha de pensamento, entre outros. Mas procuro lutar e caminhar para superar as dificuldades.

Partindo da intuição, saindo do senso comum, busquei nas teorias caminhos, não soluções, para conseguir mudar minha prática, que ainda está muito longe de ter fim, Mas uma fala do professor Jorge De Larossa em uma aula Magna que assisti em Campinas ilustra bem o significado da leitura que busquei para minha reflexão: *“Ler é ir ao encontro da palavra. O escrito é inanimado, a leitura dá a vida. A palavra escrita é morta, a lida tem vida”*.

3. O PRAZER DA LEITURA SE ENSINA

“Se você acreditar em si mesmo, pode fazer qualquer coisa!”

Nick Hanis

Após compreender o significado da leitura comecei a buscar meios de levá-la para sala de aula de uma maneira mais prazerosa, para que as crianças se envolvessem. Me deparei com uma entrevista da escritora Ana Maria Machado, publicada na revista Nova Escola (Novembro-2001) dizia: *“Ninguém contrata um instrutor de natação que não sabe nadar. Mas temos professores que não lêem e tentam ensinar isso aos alunos”*.

Realmente percebi que isso faz sentido, pois se as crianças imitam o nosso jeito de falar, prender o cabelo, ficam agitados quando estamos tensos, também tem essa percepção. Dois fatores, segundo ela levam a criança a gostar de ler: curiosidade e exemplo. Por isso é fundamental o adulto mostrar interesse.

A relação que a criança estabelece com a leitura é determinada pela afetividade. Os mediadores são importantes nessa relação, no caso os professores tem um papel crítico que eles desempenham, ajudando as crianças a se tornarem leitores motivados, ativos, engajados que lêem em busca de prazer e informações, porque consideram a leitura gratificante e recompensadora. Assim:

“A leitura não tem que ser obrigatoriamente a paixão da vida de todo educador. E não queremos transformar os alunos em réplicas de Bástian Baltasar Bux (um apaixonado por livros). Mas se nos propomos a ensinar algo temos que ter esse conhecimento mais aprofundado”. (SOLE, 1998, p. 13).

Assim sendo comecei a perceber como a leitura entrou de modo significativo em minha vida quando iniciei a primeira série. Lembro de ter lido o meu primeiro livro “Zero, zero, alpiste”; citava a história de um menino que após machucar o dedo, enterrou suas lágrimas no jardim e no mesmo lugar nasceu uma linda flor que conversava com ele.

Na infância sempre tive contato com livros, papéis, pois sou filha caçula e minhas irmãs sempre estavam me estimulando. Do jardim de infância, pré, lembro das brincadeiras, do jardim onde ouvíamos histórias, mas o marcante foi quando aquele amontoado de rabiscos começou fazer sentido. Assim:

“Aprender a ler significa aprender a encontrar sentido e interesse na leitura. Significa aprender a se considerar competente para a realização de tarefas de leitura e a sentir a experiência emocional gratificante da aprendizagem”. (SOLÉ, 1998, p 172).

Diante do exposto, percebo a influência que minha mãe (embora só tenha a estudado até a quarta série) que sempre teve o hábito da leitura; lia o jornal de ponta a ponta, revistas, livros, romances, nos auxiliavam nas tarefas escolares, e incentivou os estudos. Queria que suas filhas tivessem a oportunidade que ela não teve, que conquistássemos algo mais.

Desta maneira estive em contato com a leitura de modo prazeroso até concluir o ensino fundamental, depois se tornou algo obrigatório, limitando-se a simples leitura escolar.

Assim caminhei até 2002, quando minha vida pessoal e profissional sofreu profundas mudanças. Sempre havia trabalhado em escolas situadas na área central e tinha uma estabilidade familiar. Até que fui transferida para uma escola situada em um bairro de periferia, quando se pronunciava “Bosques do Lenheiro” todos se apavoravam. O que eu imaginava é que iria dar aula em uma das favelas do Rio de Janeiro todo aquele clima que via na televisão. Meu primeiro contato foi deprimente, não vi aquela imagem, mas sim várias casas iguais, cinzas, tristes, eu que sempre fui ligada a arte, sentia falta das cores, da alegria nesse lugar. Recebi uma classe de Ciclo I - 1ª etapa, minha missão era alfabetizá-los o que me apavorou, como eu iria ensinar essas crianças a ler?

No lado pessoal o que afligia, era o fato de minha mãe ter sofrido um A.V.C., mais um desafio a vencer, aprender a enfrentar a inversão de papéis, pois desde então ela se tornou dependente para realizar as tarefas básicas; assim aprendi duramente muitas lições que a vida nos ensina.

A partir desses acontecimentos foi que comecei a resgatar a importância, valor, prazer, emoção que a leitura pode nos trazer. Despertei para um mundo novo, levada por dois fatos, na minha sala de aula tinha um aluno muito carente, os pais faleceram, os

tios que deveriam cuidar o maltratavam. Sempre no fim do dia fazia a hora da história, até que um dia ele havia brincado bastante e sujado a roupa, quando fizemos a fila para ir embora ele se agarrou em mim e pedia que voltasse para contar outra história, não queria ir embora, pois o tio iria castigá-lo assim percebi o poder que uma história tem de nos transportar para outro mundo, pois naquela época com todas as dificuldades que eu enfrentava também queria me juntar a ele nesse mundo imaginário. E o processo de recuperação da memória de minha mãe consistia em fazer atividades que ela costumava fazer, enfim comecei a ler tudo, estimulando-a também acabei me conscientizando dessa importância.

Assim caminhei até chegar ao PROESF, no segundo semestre de 2003, onde principalmente na aula da disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa redescobri definitivamente essa relação da leitura, o prazer que um livro nos traz adquirindo conhecimentos, novas informações percebi que a minha intuição acabou se tornando significativa com o embasamento teórico que tive. Constatei que:

“(...) Os bons leitores não são apenas os que compreendem mais e melhor os textos que lêem, mas os que sentem prazer e gosto pela leitura. Pois bem, da mesma forma em que não é razoável esperar que alunos e alunas aprendam as estratégias de compreensão leitora sozinhos, sem que ninguém os ensine a utilizá-las, também não é razoável esperar que aprendam a sentir prazer e gosto pela leitura sem certos modelos que lhes proporcionem fundamentos adequados a respeito.” (COLL,1998,p. 12)

Desta maneira, acredito ser possível ensinar a “paixão” pela leitura para os nossos alunos; agora primeiro mostro os livros, jornais para eles terem contato, depois começo as atividades e fazer a sondagem de quem sabe ou não ler. Pois ninguém se apaixona pelo que não conhece. As crianças aprendem a tornarem-se leitores, e a leitura permite que pensem e ampliem o seu conhecimento, de mundo, interferindo no seu modo de agir. Porém não é pressionando a criança a ler que ela adquirirá esse conceito, o gosto e a percepção do sentido na prática da leitura. Mas sim vivenciando experiências quer seja no ambiente familiar ou escolar que ela construirá a sua relação com ela. Assim,

“A leitura significativa proporciona não somente as pistas essenciais e o feedback necessário para aprender a ler, mas proporciona também o seu próprio reforço. Aprender a

ler é uma atividade que dá prazer. O que estimula as crianças a ler e com isso a aprender a ler, não é alguma promessa de satisfação no futuro, ou uma “recompensa extrínseca” como elogios, boas notas, um tratamento especial ou evitar alguma punição, mas ser capaz de ler. Observe as crianças mergulhadas em livro com o qual elas estão aprendendo leitura e não haverá necessidade de perguntar onde reside a satisfação fundamental”. (SMITH,1999, p. 113)

4. ERA UMA VEZ... O PAPEL DAS HISTÓRIAS

“Ler, contar e ouvir as histórias uns dos outros pode levar a muitas mudanças. As histórias são veículos poderosos que liberam as nossas energias inconscientes para curar, integrar, expressar e crescer”.

Eleonor Roosevelt

Descobrimos que é possível levar uma criança a desenvolver o prazer pela leitura e não simplesmente decodificar as letras para cumprir tarefas, tenho as histórias como um recurso fundamental nesse trabalho.

Desde o início da humanidade o homem buscou maneiras de contar o que acontecia e de algum modo registrar, assim fomos evoluindo, assim surgiu a arte de contar histórias. Cultivar esse hábito desde cedo com as crianças, em casa, na escola contribui para que elas aprendam a identificar diversos sentimentos como: o bem e o mal, o certo e o errado, o bonito e o feio, ajudando-a desenvolver um senso crítico que as acompanhará para o resto de sua vida. Ou como válvula de escape, como disse Ana Maria Machado, em reportagem publicada revista Nova Escola (setembro-2005) “permitir que a criança vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais feliz dessa experiência”.

Assim todo processo histórico de uma pessoa começa com o seu nascimento, as influências culturais de sua família e a sociedade em que está inserida. Através da história familiar onde se resgata datas importantes e fatos vivenciados, através do resgate da família, as suas origens, raízes, a relação com a cidade. A criança constrói a sua identidade, mas só tem sentido quando é possível relacioná-las num contexto mais amplo das relações sociais, outras culturas ou conhecimentos.

Para construir a concepção do que vem a ser o passado, a criança precisa ter bem definida a percepção do seu próprio eu e tenha iniciado a construção da sua própria experiência de vida, o que tem a ver com o que ele sabe, se interessa, se preocupa, pensa, etc. Está marcado profundamente pela experiência do meio cultural que o envolve, dos grupos sociais nos quais está inserido. Não necessariamente só aquilo que

o aluno viveu diretamente, mas também indiretamente, através de sua família ou de seu meio social.

Nesse sentido quem não teve quem lhe contasse uma história? Não cheguei a conhecer meus avós maternos, mas através das histórias contadas por minha mãe parece que os conheço de uma vivência, pois:

“... as histórias trazem o que foi e o que poderia ter sido. Elas curam a dor do que não podemos viver e ajudam a dar sentido para os sofrimentos que não podem ser mudados. Chamam a viver e a criar. A escuta das histórias é uma atividade criadora de imagens e de idéias (...) despertam a capacidade e o gosto da criação (...) precisamos de histórias: elas alimentam as representações simbólicas que fazemos para interpretar e entender a vida (...) alimentam nossa capacidade de sonhar, de pensar outros possíveis para o mundo e para a nossa existência. (PIZA, 2003, p. 7)

Assim posto, percebo que as crianças precisam acostumar-se também com a linguagem dos livros que não é a mesma linguagem que elas ouvem quando falam ao seu redor diariamente, além de contribuir para o seu desenvolvimento como leitora, e sem dúvida terá maior facilidade em acompanhar o ensino proposto pela escola.

Segundo Cury (2003) o objetivo de se contar histórias é desenvolver a criatividade, educar a emoção, estimular a sabedoria, expandir a capacidade de solução em situações de tensão, enriquecer a socialização enfim é educar, transformar a vida.

Assim percebemos que uma história pode significar muito para uma pessoa e nada para outra; ela nos permite conhecer e criar novos mundos, situações; encontrar ensinamentos que nos libertam, e ao mesmo tempo, nos habilitam a lutar pela liberdade e assim:

“...fazendo das histórias um elo permanente e inquebrável entre a razão e a emoção, determinando o equilíbrio necessário às realizações da vida. Afinal, quem não deseja manter no coração o enredo mágico das histórias encantadas?” (CHALITA, 2003, p.12)

Diante do exposto, percebo que as histórias sejam de vida, contos clássicos, alegres, tristes, interessantes ou não, estão presentes no nosso cotidiano e de maneira positiva ou não influenciam a nossa existência e podem mudar uma trajetória. Foi quando entrei no Proesf que tive a oportunidade de conhecer a arte de contar histórias, através de Carmelina de Toledo Piza. Ela é uma contadora de histórias, embora seja de

Piracicaba, nunca tinha visto ela contar, foi a partir disso que comecei a me encantar por essa arte. Em uma sala lotada de professoras onde era difícil acontecer o silêncio total, isso se tornou possível com a magia dos lenços, a voz envolvente e os sons que harmonicamente ilustravam a história e a mensagem que ficou foi algo marcante. Essa magia e encanto que falta na vida dos alunos, pois a história tem o poder de incentivar as pessoas, nesse dia ela contou a história “Escada dos sonhos”: “Em uma floresta havia bem no meio uma escada, quem conseguisse subi-la realizaria seus sonhos. Todos os bichos haviam tentado sem conseguir, até que um dia a Dona Sapa e seus filhotinhos apareceram para tentar. Os animais não acreditavam e gritavam que não iriam conseguir. Até que eles foram aos poucos desistindo um por um, restando o mais fraquinho e a mãe o encorajou até ele conseguir. Curiosos os bichos questionavam como ele conseguiu e a mãe respondeu que ele era surdo”.

Assim como o sapinho, às vezes temos que parar de ouvir certas coisas e acreditarmos mais em nós mesmos e continuar seguindo nossos objetivos.

5. ARTE: O CAMINHO DO CONHECIMENTO

“A arte não é apenas prazer (...). Sua função é enriquecer e desenvolver a consciência humana”.

Naum Gabo (1962)

Do mesmo modo como a leitura, as histórias podem despertar o prazer tornando os conteúdos a serem assimilados pelos alunos na escola mais interessantes, a arte se junta a elas nesse contexto.

Desde o jardim da infância a arte já despertava como uma das paixões de minha vida, embora o meu primeiro contato tenha sido frustrante; foi quando pinteí meu primeiro quadro, e ninguém entendeu, até o colocaram de ponta cabeça na parede, mas era meu lindo pôr do sol com borboletas. Lembro também das cores fortes, vivas, como a capa de cadeira vermelha com um cogumelo pintado e o meu nome, onde guardávamos o nosso material, o uniforme um vestido xadrez de rosa e branco. As aulas de música, onde sentados em roda cantávamos ao som do piano ou sanfona.

Quando estava na 6ª série, ganhei um concurso de desenho, promovido pela FDE, com direito a prêmios, viagem, medalha e foto publicada no jornal da cidade.

Ao longo dos anos fui vivenciando experiências que me levaram a cursar a faculdade de Educação Artística e trabalhar alguns anos nessa área.

Assim que percebi que a arte está presente a nossa volta todos os dias, quer através da poesia, de um quadro, de uma música, etc. o belo sempre esteve presente na natureza, despertando nossos sentidos, dando-nos a possibilidade do prazer, ao homem coube aprender essas sensações, elaborá-las e transmiti-las através das manifestações artísticas.

Neste sentido, bem como define os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN Arte:

“A educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação

de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas”. (pág 19)

A partir deste princípio, fica claro que o trabalho com arte muitas vezes é mal interpretado e desvalorizado tornando a aprendizagem das crianças limitada, elas tem algumas vezes dificuldade em criar, expressar, imaginar executar tarefas simples, que através de atividades artísticas poderiam ter sido mais bem desenvolvidas.

Como disse a professora Márcia Strazzacappa em sua aula magna (agosto/2004): *“As pessoas precisariam de menos médicos, psicólogos e remédios se tivessem mais arte em suas vidas” Pois a arte está intimamente ligada à formação integral do indivíduo nos níveis cognitivo, afetivo e perceptivo.*

As pessoas enxergariam com outros olhos a sua vida e perceberiam a realidade a sua volta de uma outra maneira.

Desta maneira de acordo com Vygotsky *“[...] o desenho começa quando a linguagem falada já alcançou grande progresso e já se tornou habitual na criança (...) é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal”*. As crianças quando começam a desenhar estão querendo ilustrar o que falam, essa etapa é fundamental, o rabiscar livremente. A partir dessa construção de conhecimento é que elas vão amadurecendo, se desenvolvendo para associar a linguagem oral e a escrita. Por isso acredito nessa inter relação entre Arte e leitura, pois se a criança não vive em um ambiente que estimula o desenho quando ela entra na escola é que se inicia esse processo, acarretando todas essas dificuldades que elas apresentam na aprendizagem.

Assim sendo, quando a criança entra em contato com as manifestações artísticas consegue desenvolver-se plenamente, pois através do teatro, dança, música e artes visuais ela adquire sensibilidade, concentração, atenção, gosto pessoal estético, poder de discernimento, a relação de amor ou ódio por um mesmo tema. Vejo o papel do professor como fundamental, pois ele é o intermediário nesse processo, como acontece com a “paixão pela leitura”, na qual deixamos claro o nosso sentimento, isso é idêntico quanto a arte. Afirmo isso, pois em Piracicaba onde trabalho, não temos professor especializado na área; é o professor “polivalente” que ministra todas as aulas no ensino fundamental nas etapas iniciais, ouço de colegas relatos das dificuldades de seus alunos em se expressar, criar textos..., mas observo suas aulas de arte e vejo dobraduras sobre o tema trabalhado, ilustração do texto. Assim:

“As atividades artísticas também auxiliam o desenvolvimento de habilidades que expandem a capacidade de dizer mais e melhor sobre si mesmo e sobre o mundo. Sabemos que é o próprio processo de sua produção que as idéias são formadas e clarificadas. (...) Concretizados em forma de canções, danças, dramatizações, desenhos e esculturas as idéias e os sentimentos que motivaram essas produções dialeticamente geram outros sentimentos e pensamentos, desenvolvendo a percepção de si mesmo e do outro e a consciência sobre o que ocorre em volta, o que poderá contribuir para o desenvolvimento de sua afetividade”.(ALMEIDA, 2001, pág 25 e 26)

A Arte não é só expressão; também é conhecimento; como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino da arte se orienta entre a produção do aluno, a fruição das obras e a reflexão. Nas aulas da disciplina Teoria e Produção do Conhecimento em Artes, redescobri a importância dela em minha vida, onde cada grupo trouxe um artista, para conversar, mostrar sua arte para as colegas de classe, resgatei esses valores em minha vida, pois desde que enfrentei uma série de problemas pessoais havia abandonado esse interesse por atividades artísticas, foi vivenciando experiências que resgatei esse antigo gosto, que nitidamente refletiram em minha vida e também na sala de aula percebi que estava preocupada com o “ensinar a ler e escrever” deixando de lado a arte. A leitura, a arte de contar histórias e as capacidades que a arte desenvolve podem perfeitamente caminhar juntos, se complementando e assim percebi que:

“... a imaginação não se limita a reprodução de imagens historicamente constituídas, mas com base nelas, cria novas combinações. Experiências históricas e culturais influem na imaginação individual e é pelo enlace emocional que são selecionados os pensamentos, as imagens e as expressões.”
(VYGOTSKY, 1987 apud FERREIRA e SILVA, 2001, p. 151)

6. LEITURA E ARTE

“É a ação que importa, não o fruto da ação. Você tem de fazer a coisa certa. Pode não estar ao seu alcance assegurar, que haverá bons frutos, e é possível que eles não surjam enquanto você for vivo. Mas isso não significa que deve parar de fazer a coisa certa. Talvez nunca conheça os resultados da sua ação. Mas se não fizer coisa alguma, não haverá qualquer resultado”.

Gandhi

Num primeiro momento pode parecer impossível associar as duas mas quando fui desenvolvendo o meu trabalho, no início sem ter essa consciência de que conteúdos tão distintos podem ter objetivos próximos se complementam e partem de um mesmo princípio.

As artes visuais operam através das linhas, cores, formas e texturas que constituem o seu alfabeto, um dos primeiros que a criança utiliza para se expressar. Como já foi citado, podemos dizer que é sua primeira escrita porque toda criança desenha. Através da observação das gravuras de um livro começa a imaginar, criar e mesmo sem saber ler, inventar histórias, ou observando o adulto contar, reproduz com a seqüência de figuras esse relato.

Nesse sentido podemos observar como através da leitura de textos escritos, análise de obras de arte as informações, os registros do que aconteceu em um determinado período, podem ser estudados a condição humana refletida do passado para o presente. Assim:

“Algumas questões gerais em relação à importância da literatura e das artes visuais como motivações naturais para a alfabetização podem ser levantadas. A primeira é que o imaginário e a imaginação ligam ambas as disciplinas. A capacidade da mente de criar quadros mentais e de gerar o pensamento imaginativo permeia questões como previsão, lembrança, entendimento, composição e criação. O imaginário é considerado um sistema simbólico especializado para o processamento paralelo de informação, no qual as

representações de memória não verbal de fenômenos concretos são lembrados ou representações visuais são ativamente manipulados por um indivíduo (PAIVIO, 1979,apud SINATRA, 2001. p. 131)

Entretanto ler é atribuir significado a algum texto, no caso de obras artísticas, estamos falando de textos visuais, que são lidos a partir do momento que começamos a estabelecer relações entre as situações que nos são impostas pela nossa realidade e de nossa atuação frente a estas questões, na tentativa de compreendê-las e resolvê-las. A leitura se torna real quando estabelecemos essas relações.

Do mesmo jeito que aprendemos a ler, decodificar a linguagem verbal, ou seja, as letras, palavras, frases, etc., precisamos aprender a ler as obras de Arte. O trabalho em sala de aula sobre a vida e obra de um artista, pode propiciar um amplo conhecimento através da leitura textual e visual, diversificando a aula e levando aos alunos um enriquecimento cultural e conseqüente aprendizagem.

Diante do exposto, analiso a minha prática em sala de aula, quando comecei a trazer um pouco mais dos recursos visuais, da arte em si, seja para contar histórias, trabalhar conteúdos, constatei uma interação maior das crianças. Principalmente alunos que apresentam maior dificuldade de aprendizagem. Tive a oportunidade de acompanhar uma mesma turma por dois anos no ciclo inicial, e constatei essa evolução das crianças em alguns casos; a criança começa a observar o livro pelas figuras, depois que contei, foi relatando a história e ao longo do tempo começou a ler; principalmente com histórias contadas usando os recursos. Costumo falar, que me tornei uma “contadora de histórias genérica” pois ainda não fiz o curso, mas adoro contar para as crianças e percebo que o estímulo visual chama a atenção e as histórias propiciam as crianças construírem um ambiente onde possam se interessar mais pela “função social da escrita”.

Buscando cada vez mais unir a leitura e a arte sempre procuro informações, até que um dia encontrei o livro “Contos Desenhados”, ele traz histórias cuja maneira de se contar acaba levando as crianças a interagir com ela. Vamos desenhando e narrando a história ao mesmo tempo até descobrir um personagem oculto que geralmente lhe dá nome. Esse tipo de conto pertence às tradições de muitos povos, têm sua origem pelo menos na segunda metade do século XIX. Unem história com imagem e pertencem à tradição de contar histórias. Quando apenas escritas, elas chegam parecer até banais, pois é na forma de contar e ilustrar que se tornam realmente fascinantes, comprovando

que a leitura e a arte, podem construir conjuntamente uma relação harmoniosa e as crianças assimilem de modo prazeroso conteúdos essenciais para sua plena aprendizagem.

Assim posto a arte visual, pode ser uma força poderosa para a produção da narrativa ou para a interpretação da literatura. De acordo com Sinatra (2001), uma criança cria mentalmente através das imagens o que lê em uma história, a partir disso consegue interpretá-la e ir além dela.

Desta maneira, acredito na relação dos alunos com a leitura e arte,

“Nesse processo há uma relação dialógica entre os elementos. Falando da obra de arte, Hauser (1977, pág 558) define-a como construção dialética, como conversa que se estabelece entre autor e leitor mediante uma contínua ação recíproca. Sob o ponto de vista da sociologia moderna, a literatura e a arte em geral constituem um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Não se pode separar a repercussão da obra da sua produção, pois, sociologicamente, ela só está acabada no momento em que repercute e atua. Sociologicamente, não existem os livros que não são lidos: processo artístico é produção e leitura, o texto impresso não tem realidade estética se não for lido; sem isso não é mais do que uma série de hieróglifos”. (ROLLA, 2003, p. 167).

E como citei na epígrafe deste capítulo, temos que acreditar e gostar do que fazemos para assim podermos ser um exemplo concreto para os nossos alunos. Isso é o que procuro fazer.

7. A HISTÓRIA DE LETRAMENTO DAS CRIANÇAS

“Eu sou apenas um. Mas ainda sou um. Não posso fazer tudo, mas posso fazer alguma coisa. E como não posso fazer tudo, não me recusarei a fazer alguma coisa”.

Edward Everett Halle

O que me levou a descobrir a leitura, a arte e outros recursos significativos foi a necessidade que tinha na sala de aula. Por isso é de extrema importância o contexto da clientela que trabalho estar inserido neste memorial.

No ano de 2002 iniciei o meu trabalho na escola onde me encontro até hoje; como já citei anteriormente ela se localizada em um bairro periférico, chamado “Bosques do Lenheiro”, e o erro já começou ao se nomear o bairro.

Aproximando-se do bairro é possível notar casas e mais casas, umas iguais às outras tendo ao fundo um bosque, isso nos remete a uma contradição, o bairro não tem quase árvores se assemelhando a um tapete de concreto. Essa primeira impressão me chocava, pois sempre vivi em uma outra realidade; as casas cinzas, sem cores, não eram nada inspiradoras.

Ao longo desses anos, fomos desenvolvendo um trabalho junto às crianças e começamos a ver as cores, a beleza das flores nas ruas do bairro, não só no sentido real das palavras, mas as atitudes e reconhecimento de alguns pais e alunos. Estamos longe de sanar as necessidades que o bairro precisa, pois a violência, o medo, a carência são muito evidentes.

Segundo consta no Projeto Pedagógico da escola (2002), foi realizada uma pesquisa com os moradores, pais de alunos, na época, mostrando que a diversidade cultural é muito grande; assim como o modo que chegaram as famílias ao bairro: algumas eram cadastradas para financiar uma casa, outras viviam em áreas consideradas de risco e também aquelas que invadiram as casas sem terminar.

Nesse contexto, os moradores do bairro são alvo de discriminação por habitantes da cidade, chegando a ser considerado “o pior bairro da cidade”; devido ao modo como

se constituiu propiciou a existência de inúmeros problemas. Aliados também ao nível de escolaridade baixo dos pais e a renda mensal familiar de aproximadamente R\$ 500,00:...

“[...] A criança nasce em um mundo humano começa sua vida em meio a objetos e fenômenos criados pelas gerações que a precederam e vai se apropriando deles conforme se relaciona socialmente e participa de atividades e prática culturais”.
(FONTANA e CRUZ, 1997, p. 57)

Diante do exposto, chego ao ponto que me levou a refletir sobre o papel fundamental que tem a leitura e a arte com crianças na etapa inicial de escolarização dentro dessa realidade considerada iletrada. A escola acaba sendo o seu primeiro referencial, o professor é o exemplo, acaba tendo que suprir as necessidades, fornecendo recursos, criando um ambiente propício para que a criança possa desenvolver o seu percurso de letramento.

A exposição das crianças à fontes de informação visual, que propiciam o estímulo ao letramento, são poucas e muitas vezes não são atrativas. Situação bem diferenciada de uma criança que vive em um ambiente letrado e consome alimentos que gosta, em embalagem que o estimula, com seu apelo comercial enquanto uma criança de um ambiente pouco favorecido consome o alimento mais barato, dispensando o custo com embalagem e propaganda. As próprias ruas do bairro não têm propagandas, *outdoor*, lojas com placas que enfatizam o consumo, que chamem a atenção. Assim a escola acaba se tornando fundamental para suprir essa necessidade, desenvolver um ambiente próprio para que elas possam adquirir o prazer pela leitura e...

“(...) O fato de a criança estar inserida numa cultura letrada tem uma influência positiva significativa em seu progresso em leitura nas primeiras séries escolares (...) Considerando-se a escola pública brasileira vemos em face desses resultados, um enorme espaço que é perdido. Esse espaço é especialmente importante para as crianças de periferia – crianças de classes menos privilegiadas que, além de geralmente viverem na periferia das cidades, estão também à margem dos acontecimentos importantes e dos benefícios trazidos pelo desenvolvimento tecnológico e sociocultural do momento – que não podem contar com o apoio dos pais para seu letramento”. (TERZI, 2001, p. 14).

Assim, a história de letramento das crianças influencia seu desenvolvimento posterior de leitura.

É muito difícil desenvolver esse trabalho com crianças vindas de meios iletrados, pois muitas vezes além de não terem contato com as “histórias dos livros”, elas também não sabem a sua história de vida, quem é o seu pai, onde estão seus avós, onde nasceu, pois a construção do conhecimento histórico permite a criança buscar através da sua história de vida, do lugar onde vive, das suas relações sociais, referências para a construção da sua identidade.

De acordo com Rodrigues (2003) a educação é o elemento da vida social responsável por organizar o que acontece com as pessoas de acordo com suas experiências e...

“Para a sociologia, ensinar e aprender é uma questão de sobrevivência. Sobrevivência, em primeiro lugar, dos indivíduos, que sem educação tornam-se inviáveis, sobrevivência também dos grupos de status ou da própria sociedade em seu conjunto – para as formulações sociológicas que apontam a transmissão dos conhecimentos. Como o processo de formação de membros “adequados” para desempenhar um papel, para fazer parte de um grupo ou para a vida em sociedade. E não apenas sobrevivência. A educação também pode ser chave para uma vida melhor, nem que para isso seja preciso mudar radicalmente a sociedade em que se vive” [...]. (RODRIGUES, 2004, p. 17).

Diante do exposto, percebo que o meu trabalho com essas crianças é incessante, não sei qual o resultado futuro, mas se começar a pensar e desistir a cada imprevisto ou frustração o todo não caminha. Esse ano enfrento mais um desafio, com o ciclo de nove anos no ensino fundamental; estou com uma classe de etapa inicial, crianças de seis anos, diante de todo esse quadro em que essas crianças estão inseridas, mais os imprevistos e falhas de aspecto político, estou superando as dificuldades e desenvolvendo a minha prática pedagógica, levando a essas crianças o contato com a leitura e o prazer que a arte propiciou em todos os seus aspectos.

8. “AFETIVIDADE: PONTO DE PARTIDA”.

“A arte mais difícil e simultaneamente mais útil é a de saber educar”.

Perijechetti

Diante de uma realidade tão difícil com a qual me deparei esses anos procurei alternativas e percebi o papel fundamental que exerço perante uma sala de aula. Assim se torna necessário construir um elo afetivo com os alunos para conseguir a sua confiança, não se trata de transferir uma relação de mãe e filho, mas uma relação onde os valores humanos como respeito, confiança e paciência prevalecem. A convivência se torna harmônica possibilitando um ambiente propício para a aprendizagem.

O “saber educar” está diretamente ligado à relação professor-aluno; no âmbito escolar, não podendo ser desvinculada da afetividade, que é a base para esta relação de interação.

“A verdadeira educação consiste no cultivo do coração”, de acordo com Eugênia Puebla, acredito que para o professor conseguir desenvolver o seu trabalho dentro de uma sala de aula atualmente ele necessita cultivar os valores humanos e orientar seus alunos a vivenciá-los, pois com a evolução tecnológica do mundo, perdeu-se muito a capacidade de parar para ouvir e respeitar os limites do outro; cabe a escola, ao professor resgatar esse aspecto através de uma relação afetiva mantida com seus alunos, criando assim parâmetros para essa vivência.

O olhar para a dimensão afetiva do comportamento humano orientou muitos estudos e algumas teorias se baseiam numa visão integrada do ser humano.

Wallon e Vygotsky em suas teorias buscam identificar a presença de aspectos afetivos na relação professor-aluno e as possíveis influências destes no processo de aprendizagem. Wallon defende que no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo a afetividade tem um papel fundamental.

Não se questiona mais que a afetividade acompanha o ser humano desde a sua vida intra-uterina, até a sua morte, se manifestando como uma fonte geradora de potência e energia, sendo o alicerce sobre o qual se constrói o conhecimento racional.

Nesse sentido o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo, pela paixão, e que, portanto é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem.

Para Wallon os aspectos cognitivos e afetivos estão sempre entrelaçados, um fundamenta, complementa o outro, sendo assim um processo constante.

A escola é um meio de grande importância para o desenvolvimento das relações afetivas da criança com os adultos, assim como também com as outras crianças da mesma idade.

Assim o professor traz dentro dele toda uma história de vida, todas as influências de seu grupo sócio-econômico, crenças e mitos familiares, as influencias do clima de trabalho que vivencia, uma relação com colegas de trabalho, seu estado emocional, quando entra em sala de aula. Respeito pelas diferenças, abandono de pré-conceitos, vontade de aprender e não de exercer poder, saber ouvir, equilíbrio emocional, coerência, clareza de objetivos, saber elogiar em lugar de priorizar os erros, todos esses itens são fundamentais na construção de uma relação afetiva do professor com seus alunos.

A relação professor-aluno depende em grande medida, da maturidade afetiva do professor e muitas vezes nos deparamos com o conflito de não saber solucionar determinada situação que ocorre; no meu caso, por exemplo, cresci em uma condição social, cultural, econômica, diferente dos meus alunos, muitas vezes suas atitudes, reações em determinadas situações me espantam, mas para eles é normal agir assim. Estou aprendendo a conviver com essa realidade, só a partir da vivência, fui amadurecendo e a afetividade nesse processo foi fundamental, pois se não criasse esse vínculo com eles a parte cognitiva ficaria difícil de ser trabalhada.

Nesse sentido sei que preciso ter consciência das capacidades que possuo e das que me faltam. Do ponto de vista sócio-afetivo, existe sempre um processo transferencial na relação professor-aluno, o importante é criar um clima afetivo e saudável; não uma relação autoritária, crítica e distante, mas onde hajam limites e normas válidas para todo o grupo.

A verdade é que, embora o professor tenha alto nível intelectual e grande conhecimento de sua matéria, a maneira como ele se relaciona com seus alunos será a chave do sucesso da transmissão do que ensina.

O ensinar é um processo basicamente relacional, onde tanto o professor, como a escola, o meio social, e não só o aluno, são responsáveis pelo seu desenvolvimento, sucesso ou fracasso. Nesse sentido, recorro um trecho do livro de Zibia Gasparetto: “... *Qualquer criatura se torna perfeita quando a olhamos com amor... Somente a perseverança no trabalho, realiza os nossos ideais...*”.

A afetividade presente na relação professor-aluno e suas influências no desempenho da classe, são baseadas em todo o processo que desenvolvesse ao longo do ano letivo, principalmente no início onde o respeito e todos os outros valores relacionados levam o aluno a caminhar cada vez mais, se interessando em obter mais conhecimentos.

Wallon considerava que a razão nasce da emoção e vive da sua morte; considerar inteligência e afetividade separados no processo de construção do conhecimento é quase impossível. Educar é, antes de tudo, procurar fazer com que as pessoas atuem e pensem de modo mais racional e mais prazeroso.

Dentro da sala de aula vejo que não existe somente uma aprendizagem cognitiva ou racional, pois os alunos não deixam os aspectos afetivos de sua personalidade do lado de fora, quando estão construindo seu conhecimento, ou em relações com os colegas e o professor.

Diante do exposto, percebo que um mesmo conflito pode receber tratamentos diferentes e antagônicos, dependendo do estado emocional prévio do sujeito que o enfrenta.

A partir de sua relação com os adultos na família, na escola é que a criança vai formando o seu caráter a partir da relação de afeto e valores que o seu meio propicia. O papel desempenhado pelo professor é de extrema importância para a relação educativa, Wallon enfatiza a necessidade de uma formação não apenas pedagógica para o professor, mas também psicológica, a fim de melhor compreender a natureza e o desenvolvimento da criança, isso nos falta ainda agirmos na intuição.

Esse aspecto é relevante, pois muitas vezes um aluno com dificuldade de aprendizagem demonstra certo comportamento, que poderia ser analisado, soluções seriam possíveis se tivéssemos o domínio para tal, mas caminhamos através da tentativa e erro até chegarmos nesse aluno. O trabalho do professor sempre é muito criticado, mas a formação que não foi dada é que deveria passar por essa análise, pois temos consciência do problema quando ele está na nossa frente, buscamos de todas as formas

solucioná-lo, nos deparamos com muitas dificuldades, mas o desejo que esse aluno caminhe no seu aspecto cognitivo é grande, pois já estabelecemos um elo afetivo.

Despertar o interesse do aluno para determinadas atividades é muito difícil, pois a criança dependendo da sua faixa etária não é capaz de prestar atenção por muito tempo, é exigir um esforço abstrato, assim se constata a importância do professor diversificar sua aula, se relacionar mais afetuosamente com a classe, para conseguir meios de levá-los a uma aprendizagem significativa de conteúdos importantes para a sua vida, para ampliar a sua capacidade cognitiva.

É o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem; e quando chega na escola o professor surge com grande importância nessa relação.

Para Wallon, na escola há uma valorização dos aspectos cognitivos em detrimento dos afetivos, tanto no processo de desenvolvimento como de aprendizagem da criança. O professor deve ter interesse pela vida da criança como um todo.

A escola deve propiciar um espaço de reflexão e ação que permita aos alunos enfrentarem, autonomamente a ampla e variada gama de conflitos pessoais e sociais.

Assim sendo o professor pode intervir fornecendo essa forma de socialização, incentivando a cooperação, o espírito de solidariedade e de mútua recuperação. A relação professor-aluno deve ser de interação, o professor não deve ser ausente, autoritário, mas manter um relacionamento onde o respeito e afeto estejam presentes naturalmente mostrando as conseqüências de comportamentos individuais inadequados por parte de algum aluno, que possa gerar atritos ou prejudicar o seu aprendizado.

A sala de aula se constitui como um local onde circula o conhecimento através da interação professor-aluno. Os alunos reproduzem a postura do professor, pois mesmo indiretamente ele exerce liderança dentro da sala de aula. O professor não pode ser visto, nem se conformar em ser apenas aquele que ensina e prepara provas e aulas. Sua função primeira é educar e aprimorar o aluno como pessoa humana, pois “Só desperta paixão de aprender quem tem paixão de ensinar”.

Por isso a importância do professor também se avalia e atenta para o que lhe pertence e que pode estar interferindo na relação com seus alunos e no modo como está exercendo seu papel de educador.

O aprendizado do ser humano deve preocupar-se em integrar o cognitivo e o afetivo para o processo como um todo.

É importante que o professor tenha os cuidados necessários para permitir que a autonomia do aluno avance sem que ele, professor se sinta ameaçado e não exija mais que o processo produtivo de aprendizagem o professor deve assegurar a todos a prática e vivência, a possibilidade de observar e construir o conhecimento.

Falar de afeto na educação é falar da importância de se atentar para a qualidade de relações que se estabelecem entre professores-alunos, entre professores e as demais pessoas da equipe escolar.

Após ler um pouco mais a respeito da relação professor-aluno fundamentada na questão da afetividade comecei a refletir, baseada nos estudos dos teóricos, uma problemática que vivi, ligada a questão do aspecto cognitivo estar indissociável do afetivo, pois alguns alunos que apresentaram maior dificuldade de aprendizagem, são os que mais demorei para criar uma ligação afetiva, pois muitas vezes são tímidos demais ou agressivos, quando iniciei esse processo afetivo eles começaram a desenvolver cognitivamente, mas chegou o fim do ano, no próximo iniciaram um novo processo de adaptação com a nova professora, e ocorrerem “pré-julgamentos” que rotulam o aluno, criando uma barreira que dificulta o desenvolvimento dessa relação afetiva prejudicando o lado cognitivo.

O fato da afetividade ser um processo contínuo e evolutivo desde o nascimento também é relevante. Trabalho em uma comunidade carente e sinto que alguns alunos têm dificuldade em manter uma relação afetiva no âmbito familiar, pois os lares desestruturados (pai ou mãe presos, alguns sofrem de abandono, tem responsabilidades de adulto precocemente, etc.) além de viverem em condições precárias, as realidades são bem distintas, alguns tem dificuldade em se relacionar afetivamente com os outros, pois não constroem esse referencial em casa, esse processo começa na escola; talvez esteja generalizando, mas são hipóteses que me afligem, e parei para questionar.

A relação professor-aluno envolve compreensão, sensibilização, tanto pela profissão como pela vida, pois os obstáculos são muitos: dificuldades burocráticas, falta de material de apoio, de incentivo, mas temos que continuar acreditando, mesmo que pareça às vezes utopia. Passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar e admirar a criança.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Daqui a 50 anos
não importa que tipo de carro você dirigiu
em que tipo de casa morou,
quanto tinha em sua conta bancária,
ou como eram suas roupas.
Mas o mundo poderá ser um pouco melhor
porque você foi importante na vida de uma
criança”.*

Autor Desconhecido

Acredito que o papel da escola no mundo atual é o de agente transformador que se deve abrir a criatividade e enriquecer-se a partir de propostas novas assim de acordo com Eugênia Puebla uma professora que acredita no resgate dos valores humanos na relação entre professores e alunos.

Ao tentar entender o que realmente é a leitura, o ato de ler, todos os fatores que influenciam e levam a desenvolver uma relação de amor ou ódio por ela, descobri a paixão pelas histórias, o encantamento e prazer que elas trazem para nossas vidas.

Assim como a arte que também possibilita essa relação e oferece recursos para o desenvolvimento dessa leitura prazerosa. Percebi que fui levada a essa reflexão, buscar esses recursos, para tentar sanar as dificuldades dos meus alunos que vivem em um ambiente iletrado; e percebi que nessa realidade social, principalmente a escola, se caracteriza como um espaço relevante para a formação de leitores.

Segundo Smith (1999) *“aprender a ler é uma atividade que dá prazer”*, e as crianças buscam isto. Quando um aluno começa a ler, a emoção que sinto é grande, pois sei que contribui para essa descoberta, foi um caminho que ajudei a trilhar e a partir desse momento um mundo se abre a sua frente, ele se torna capaz de mergulhar “em um livro, rir e chorar com uma história”.

Muitas vezes as práticas da sala de aula levam os alunos a se desmotivar e perder o interesse pela leitura, quando digo que a “Arte” pode ser uma grande aliada nesse

sentido é o de buscar através da música, de uma obra de arte, trabalhar as leituras visuais, e ir para o código escrito buscar conteúdos que possam ser explorados. De acordo com Vygotsky: “A aprendizagem e o desenvolvimento são indissociáveis”.

Nesse sentido, percebo que a vida nos ensina, o que muitas vezes até não queremos, mas devemos ter um objetivo e procurar vencer os obstáculos, não perdendo de vista o nosso ideal. Para isso devemos ter em mente o que realmente queremos e não nos deixar abater por dificuldades que impedem a realização desse objetivo: Se não tivermos problemas é porque estamos mortos; o envolvimento com a solução desse problema geram conflitos que levam a sua superação; li ou ouvi essa frase em algum lugar e busco pensar dessa forma.

Entretanto quando falo em “levar mais histórias” para a vida das crianças principalmente carentes, tenho consciência de que não pretendo transformar o mundo em um conto de fadas, mas levar um pouco de fantasia a uma realidade tão dura e cruel; sei que se histórias clássicas como Cinderela e Chapeuzinho Vermelho fossem escritas nos dias de hoje sua temática seria bem diferente, assim:

“Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem”. (SOLÉ, 1998, p.32)

Assim acredito que para desenvolver a paixão pela leitura em meus alunos, através da sensibilização e desenvolvimento que o ensino da arte propicia necessito criar um elo afetivo com eles para tentar sanar suas necessidades levando-os a adquirir conhecimentos que os ajudem a buscar caminhos para melhorar suas condições de vida. Vejo meu trabalho como uma semente que se lança ao solo, cuidamos para que ela cresça mas, o futuro é imprevisível muitas coisas acontecem e podem mudar seu destino.

Diante do exposto, me vejo como um exemplo para meus alunos, tenho a consciência de que não sou perfeita e como todo ser humano erro, mas a partir dessa reflexão tenho a leitura como minha aliada e cada vez mais vou buscar o conhecimento através dela e transmiti-lo para meus alunos.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. Campinas: Editora Papirus, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte*, 1999

CHALITA, Gabriel. *Pedagogia do Amor*. São Paulo: Editora Gente, 2003

CRAMER, Eugene H. e CASTLE, Marrietta. *Incentivando o amor pela leitura*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CURY, Augusto. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1994.

GASPARETTO, Zíbia M. *O morro das ilusões*. São Paulo: Edicel, 1986

GUSTAVSSON, Per. *Contos Desenhados*. São Paulo: Callis Editora, 2000.

HANSEN, Mark Victor e CANFIELD, Jack. *Histórias para abrir o coração*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1997.

FERREIRA, Sueli (org.) O ensino das Artes: *Construindo caminhos*. Campinas: Papirus Editora, 2004.

JOSÉ, Elisabete da A. e COELHO, Maria T. *Problemas de aprendizagem*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

KLEIMAN, Angela. ***Oficina de leitura***. Campinas: Editora Pontes, 2004

KLEIN, Ligia R. ***Alfabetização: quem tem medo de ensinar?*** São Paulo: Editora Cortez, 2002.

LEITE, Sergio Antônio da Silva (org.) ***Alfabetização e letramento, contribuição para as práticas pedagógicas***. Campinas. Editora Komedi, 2001.

MORAIS, Frederico. ***Arte é o que eu e você chamamos arte***. Rio de Janeiro: Record Editora, 2000.

NEVES, Iara Conceição Betencourt, et al. ***Ler e escrever, compromisso de todas as áreas***. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

NOVA ESCOLA (revista). Edições de: Novembro-2001, Março-2003, Setembro-2005, São Paulo: Editora Abril.

Piza, Carmelina de Toledo. ***Entrou por uma porta saiu por outra, quem quiser que conte outra***. Piracicaba: Editora Igral, 2003.

PORCHER, Louis. ***Educação Artística: Luxo ou Necessidade?*** São Paulo: Summus Editorial, 1995.

PUEBLA, Eugênia. ***Educar com o coração***. São Paulo: Editora Peirópolis, 1997.

RODRIGUES, Alberto Tosi. ***Sociologia da Educação***. Rio de Janeiro: DP e editora, 2003.

SMITH, Frank. ***Leitura Significativa***. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1999.

SOLÉ, Isabel. ***Estratégias de leitura***. Porto Alegre: Artmed Editora, 1998.

TARALLO, Fernando; MOREIRA, Nadja e KATTO, Mary. ***Estudos em alfabetização, retrospectiva nas áreas da Psico e Sociolinguística***. Campinas: Editora Pontes, 1997.

TERZI, Sylvia B. *A Construção da leitura*. Campinas: Editora Pontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

ZANCO, J.D. *O contador de histórias. Americana*: Edições Burity, 2003.